



UNIVERSITÀ  
DEGLI STUDI  
DI PADOVA

## **Università degli Studi di Padova**

Dipartimento di Studi Linguistici e Letterari

Corso di Laurea Magistrale in  
Lingue Moderne per la Comunicazione e la Cooperazione  
Internazionale  
Classe LM-38

Tesi di Laurea

# *Paulo Freire: o pedagogo da liberdade*

Relatore

Prof. Barbara Gori

Laureanda

Valentina Martini

n°matr.1084473/

LMLCC

Anno Accademico 2015 / 2016



*A chi c'è sempre stato*



## SUMÁRIO

Introdução			p. 1
Capítulo	1	BIOGRAFIA DE PAULO FREIRE	p. 3
Capítulo	2	DITADURA MILITAR NO BRASIL (1964-1985)	p. 9
Capítulo	3	A EDUCAÇÃO SEGUNDO PAULO FREIRE	p. 17
	3.1	A educação bancária	
	3.2	A educação libertadora	
	3.3	O diálogo	
	3.4	O Método Paulo Freire	
	3.5	Entrevista com Paulo Freire	
Conclusão			p. 49
Bibliografia			p. 51
Riassunto			p. 57



## **INTRODUÇÃO**

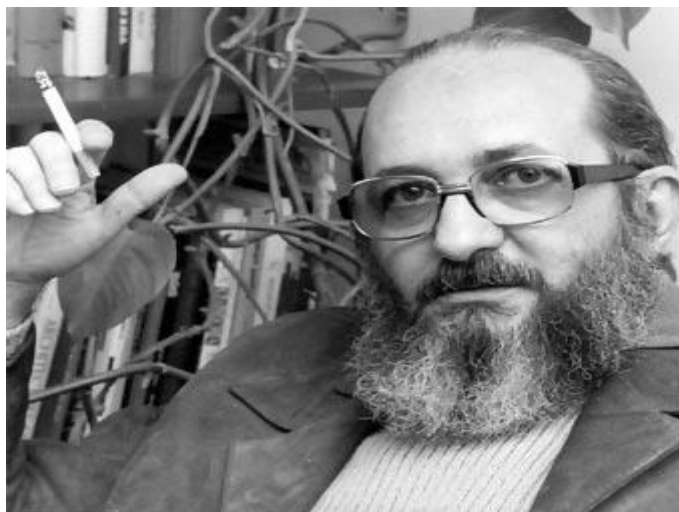
Paulo Freire foi um dos mais célebres educadores brasileiros do século XX, ele tornou uma referência pela pedagogia mundial levando novas ideias teóricas e práticas no setor da educação. Freire desenvolveu as suas ideias olhando às problemas da sociedade brasileira daquela época e daí toda a sua obra se baseia na importância dos processos educativos críticos e reflexivos como instrumentos de transformação da realidade. Para transformar a realidade o homem precisa de ser livre, ele deve sentir-se livre no seu pensamento e nas suas ações, pois a educação fica uma ação cultural libertadora baseada no diálogo e numa relação horizontal entre o educador e o educando. Freire foi educador e pedagogo não só no Brasil, ele trabalhou no Chile, nas ex-colônias portuguesas da África, na Suíça, na Itália, foi educador no mundo. A sua é uma visão pedagógica ampla que olha também à política, à filosofia, à antropologia. De fato o seu pensamento foi influenciado pela teologia da libertação de Karl Marx, do idealismo de Hegel, da ideia de práxis e da importância dada aos aspectos políticos e culturais para a transformação social de Gramsci e da teoria histórico-cultural de Vygotsky. A razão disso é que a educação é ligada a muitos aspectos da realidade e dos homens como seres sociais e para analisá-la não é possível considerá-la como algo fechado, precisa conhecer também o que a circunda. A tese está estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo trata da vida do Paulo Freire, desde os primeiros anos em Recife até o retorno do exílio em São Paulo e introduz as suas obras mais importantes. O segundo visa ao período histórico em que ele viveu: os anos da ditadura militar no Brasil. O seu pensamento, e em particular o seu método de alfabetização que estimulava as pessoas a tomar consciência da

suas situações, preocupava o governo ditatorial, pois Freire foi obrigado a deixar o seu país e experimentar as suas ideias no exterior. O terceiro capítulo é dedicado à sua concepção de educação. Eu analisei a crítica que ele fez à educação bancária, o modelo de prática pedagógica mais difundido no Brasil e expliquei a sua proposta de educação: a educação libertadora. Depois tratei o tema do diálogo e o Método de alfabetização para adultos que ele havia ideado. Concluo inserindo uma entrevista sintetizadora dos assuntos enfrentados. O meu estudo possui caráter bibliográfico e o seu propósito é refletir sobre a educação, em particular através os conceitos de liberdade, consciência, relação educador/educando e diálogo.



## CAP. 1

### BIOGRAFIA DE PAULO FREIRE



Paulo Reglus Neves Freire ou Paulo Freire nasceu em Recife, a capital do estado de Pernambuco, no dia 19 de setembro de 1921. A sua família fazia parte da classe média e ele morou no bairro Casa Amarela, um dos bairros mais populosos e pobres de Recife, experimentando muito cedo a pobreza e a fome. “Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz”<sup>2</sup>. Em 1932 a família Freire se mudou para Jaboatão, uma pequena cidade perto de Recife, e após alguns anos voltou para Recife onde Freire estudou no Colégio Oswaldo Cruz. No mesmo Colégio trabalhou como professor de língua portuguesa e em 1943 se matriculou na faculdade de Direito. “Numa tarde, chegando em casa, fui logo me dirigindo à Elza dizendo: “Me

---

<sup>1</sup> <https://www.paulofreire.org/images/fotos-paulo-freire/paulofreire.jpg>

<sup>2</sup> P. Freire, *A importância do ato de ler*, S. Paulo, Cortez, 1994, p. 15.

emocionei muito esta tarde. Já não serei advogado. Não é a advocacia o que quero."<sup>3</sup> O ano depois se casou com uma professora primária, Elza Maria Costa de Oliveira com quem teve 5 filhos. Em 1947 assumiu o cargo de diretor do SESI, o Serviço Social da Indústria onde teve contato com a educação de adultos e trabalhadores. Foi no SESI, convivendo com diretores, professores e participantes de programas culturais, que Paulo se convenceu do peso do autoritarismo na cultura brasileira. Em 1960 fundou o MCP, o Movimento de Cultura Popular de Pernambuco e em 1962 o SEC, o Serviço de Extensão Cultural; além disso foi coordenador do ISEB, o Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Em 1963 na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte, pôs em prática o seu método de alfabetização. Naquela época Angicos possuía uma taxa de analfabetismo de 75% e com este método Freire ensinou 300 cortadores de cana a ler e a escrever em 45 dias. O seu projeto, conhecido como “As 40 horas de Angicos”, ganhou grande visibilidade a nível nacional e internacional. O sucesso da experiência fez com que o governo de João Goulart escolhi Freire para coordenar o Plano Nacional de Alfabetização que previa a implantação de 20 mil círculos de cultura e a alfabetização de milhões de pessoas mas o golpe militar paralisou o seu desenvolvimento e o plano foi adolido. Os que trabalharam na experiência de Angicos tiveram de silenciar e Freire foi preso e encarcerado por 70 dias.

---

<sup>3</sup> V. Barreto, *Paulo Freire para educadores*, S. Paulo, Arte & Ciência, 1998, p. 25.

Na maioria dos interrogatórios a que fui submetido, o que se queria provar além da minha “ignorância absoluta” era o perigo que eu representava. Fui considerado como “subversivo internacional”, como um “traidor de Cristo e do povo brasileiro”. Um dos juizes perguntou-me: “Você nega que seu método é semelhante ao de Stalin, Hitler, Perón e Mussolini? Você nega que com seu pretenso método você quer mesmo é bolchevizar o país?”<sup>4</sup>

Em seguida passou pelo exílio na Bolívia e no Chile desde 1964 até 1969. No Chile Eduardo Frei, o capo do governo chileno, era interessado ao método de alfabetização de Freire e o educador colaborou com a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação. Durante os anos do exílio publicou *A Educação como Prática da Liberdade* e *A Pedagogia do Oprimido*, duas das suas obras mais importantes que foram publicadas inicialmente em espanhol e inglês por causa da ditadura militar. O pedagogo se mudou para a prestigiosa universidade de Harvard onde ensinou durante de um ano e depois para Genebra, na Suíça. Ele viviu na Suíça durante de 10 anos, e trabalhou como consultor educacional para o Conselho Mundial de Igrejas. Fundou o IDAC, o Instituto de Ação Cultural, que projetava ações educativas a nível internacional sobretudo para as zonas mais pobres do mundo como Zambia, Tanzania e as ex-colônias portuguesas de São Tomé, Príncipe, Guiné-Bissau, Angola e Cabo Verde. Nas ex colônias o método de alfabetização teve resultados limitados por causa do fato que eram países de nova independência e estavam lutando pela reconstrução duma identidade nacional republicana. Em 1980 depois de 16 anos de exílio regressou ao Brasil, na cidade de São Paulo e ensinou na Universidade Estadual de Campinas, a UNICAMP, por 10 anos. Em 1989 tornou-se Secretário de Educação no Município de São Paulo sob a

---

<sup>4</sup> P. Freire, *Conscientização*, S. Paulo, Cortez & Moraes, 1979, p. 10.

prefeitura de Luíza Erundina. Durante seu mandato fez um grande esforço na implementação de movimentos de alfabetização e de revisão curricular. Em 1991 foi fundado o Instituto Paulo Freire em São Paulo para estender e elaborar suas teorias sobre educação popular. Após a morte de sua primeira esposa se casou com Ana Maria Araújo, uma ex-aluna. Freire morreu de um ataque cardíaco no dia 2 de maio de 1997 em São Paulo.

Paulo Freire foi reconhecido mundialmente pela sua práxis educativa, o seu nome foi adotado por muitas instituições, é cidadão honorário de várias cidades no Brasil e no exterior e doutor Honoris Causa por vinte e nove universidades. Além disso recebeu o Prêmio Rei Balduino para o Desenvolvimento (1980), o Prêmio Unesco da Educação para a Paz (1986) e o Prêmio como Educador do Continente (1992). Em 2012 foi criada a lei nº 12.612 que o declarou patrono da educação brasileira.

## **Obras principais**

- 1959, *Educação e Atualidade Brasileira* (tese de concurso público para a cadeira de História e Filosofia da Educação de Belas Artes de Pernambuco).

- 1967, *Educação como Prática da Liberdade*

Freire enfrenta a situação de trânsito que o Brasil está vivendo em 1960, as contradições das suas forças políticas e o período de instabilidade. Ele critica a educação tradicional e explica as suas ideias de educação baseada na pesquisa, no diálogo, na criticidade e na conscientização. Conclui com a explicação do Método de alfabetização de adultos citando diversos exemplos dessa experiência no Brasil.

- 1968, *Pedagogia do Oprimido*

Freire mostra a relação dialética entre opressores e oprimidos, o oprimido para sair do estado de opressão tem que tomar consciência da sua própria situação e a educação tem um papel importante nesse processo de busca pela liberdade. O homem é um ser social e por isso a consciência e transformação da sua situação deve acontecer em sociedade, em comunhão com os outros. Depois o pedagogo explica a diferença entre a educação bancária e a educação problematizadora, a primeira, que é a educação tradicional, é um instrumento da opressão porque pretende depositar conhecimento aos educandos sem uma ação reflexiva. A segunda é baseada no diálogo e na reflexão crítica e permite aos homens de libertar-se de sua condição de opressão.

- 1982, *A importância do Ato de Ler*

O autor trás o tema da leitura no processo da alfabetização. Segundo ele a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra, é importante partir da realidade cotidiana dos alunos para educá-los. Após discute a sua experiência de alfabetização de adultos em São Tomé e Príncipe.

- Paulo Freire e Antonio Faundez, 1985, *Por uma Pedagogia da Pergunta*

Segundo o educador todo conhecimento começa pela pergunta e pela curiosidade, nesta maneira se pode desenvolver um pensamento ativo criativo e crítico nos alunos. É na pergunta que está o interesse e a fome pelo conhecimento necessário para nutrir o pensamento na busca de significados. A educação não pode acontecer sem esse princípio.

- 1992, *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*

Freire explica a necessidade de uma educação da esperança, a esperança se faz necessária para enfrentar os obstáculos e as barreiras que precisam ser vencidas ao longo de nossas vidas pessoal e social. Ele é preocupado com o contexto da educação brasileira e declara a urgência da democratização, da escola pública e da formação permanente de seus educadores.

- 1993, *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*

Neste texto o pedagogo mostra o papel da professora e a sua importância na sociedade. Esta figura se tornou desmerecida pela sociedade mas o autor a encoraja a lutar por seus direitos e a valorizar as suas tarefas. As professoras devem se definir como profissional da educação e devem deixar o papel de tia.

- 1996, *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa*

O tema central da obra é a formação dos professores, segundo o pedagogo não há docência sem discência, quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Ensinar exige rigorosidade metodológica, pesquisa, criticidade, reflexão crítica sobre a prática, alegria, humildade, respeito à autonomia do ser do educando, é uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética.

## CAP.2

### DITADURA MILITAR NO BRASIL (1964 -1985)



5

#### **Golpe militar de 1964**

O regime militar no Brasil iniciou com o golpe militar de 31 de março de 1964 que pôs fim ao governo democrático do presidente da República João Goulart. Os militares envolvidos no golpe justificaram a sua ação dizendo que o objetivo era restaurar a disciplina nas Forças Armadas e deter a ameaça comunista que segundo eles estava invadindo o país. Eles não tinham um projeto de governo definido além da necessidade de fazer uma limpeza nas instituições e recuperar a economia. Os militares foram responsáveis pela oficialização do Ato Institucional número 1, um documento constituído por onze artigos que estabelecia profundas modificações no poder legislativo. O AI-1 dava ao governo militar o poder

---

<sup>5</sup> <http://www.sohistoria.com.br/ef2/ditadura/p3.php>

de cassar mandatos legislativos, propor emenda à Constituição, suspender os direitos políticos por 10 anos, afastar ou aposentar as pessoas que poderiam ameaçar a segurança nacional e convocar eleições indiretas para a presidência da República. Este documento legitimava a força de um regime autoritário no Brasil limitando a liberdade de expressão e de organização, de fato os partidos políticos e as outras organizações representativas foram suprimidas e os meios de comunicações censurados.

### **Governo Castello Branco (1964-1967)**

A 15 de abril de 1964 o marechal Castello Branco foi eleito pelo Congresso Nacional para assumir a presidência. O seu governo era baseado no fortalecimento do poder executivo e na idéia de segurança nacional. Respeito ao primeiro em 1965 Castello Branco assinou o Ato Institucional número 2 que ampliava o poder do executivo federal e extinguiu todos os partidos políticos. Os únicos partidos eram a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), formado pelos políticos que apoiavam o governo ditatorial e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) que era a única oposição consentida porque não ameaçava o poder dos militares. O bipartidarismo foi um artifício da ditadura militar brasileira a fim de dotar de feições democráticas o regime autoritário vigente. Respeito a segurança nacional o marechal iniciou uma política chamada “Operação limpeza” com inquéritos policiais militares para punir os cidadãos que tiveram ligações com o governo antecedente ou que faziam parte dos movimentos de oposição ao novo regime. Além disso milhares de funcionários públicos foram aposentados e os mandatos de vários parlamentares foram cassados. O governo militar promulgou também o AI-4 obrigando o Congresso a



aprovar uma nova Constituição com características autoritárias e editou a Lei de Segurança Nacional (LSN) para ter uma maior vigilância sobre todos os setores da sociedade. Por causa dos investimentos estrangeiros, do aumento das exportações e da produção interna houve um crescimento econômico mas só as classes médias e os mais ricos beneficiaram deste desenvolvimento aumentando ainda mais as desigualdades sociais.

### **Governo Costa e Silva (1967-1969)**

Em 1967 o general Arthur da Costa e Silva foi eleito presidente pelo Congresso Nacional. Ele fazia parte da chamada “linha dura”, formada pelos militares radicais que defendiam o endurecimento do regime e durante o seu governo o que era o regime militar autoritário começou a transformar-se numa ditadura. Os movimentos de oposição como A Frente Ampla, os grupos de esquerda e o movimento estudantil começaram a organizar-se. A Frente Ampla era composta pelos políticos influentes e reivindicava a amnistia e eleições diretas para o presidente da República; as organizações de esquerda eram constituídas pelos grupos de guerrilheiros e organizaram sequestros, atentados e assaltos para destituir a ditadura e implantar o socialismo; o movimento estudantil foi coordenado pela União Nacional dos Estudantes (UNE) e os estudantes promoveram vários protestos públicos como a Passeata dos Cem Mil no Rio de Janeiro. Costa e Silva reagiu às oposições com o AI-5, com este ato as liberdades democráticas foram suspensas, as manifestações artísticas foram censuradas, o acesso às informações de natureza pública foi controlado e os instrumentos de controle e repressão aumentaram radicalmente. Por causa de uma grave doença o presidente foi substituído provisoriamente por uma

junta formada pelos três militares: Aurélio de Lira Tavares, Augusto Rademaker, Márcio de Sousa e Melo.

### **Governo Medici (1969-1974)**

Em 1969 a Junta escolheu o novo presidente, o general Emílio Garrastazu Medici. O seu governo é considerado o mais duro e repressivo do regime militar em que a tortura e a repressão foram promovida contra todos os opositores da ditadura. Apesar de esforços dos guerrilheiros de subverter o regime todas as guerrilha foram reprimidas, principalmente no Araguaia. Ao mesmo tempo o governo Médici usava os meios de comunicação para instituir uma visão positiva sobre o Governo Militar. Palavras de ordem e cooperação como “Brasil, Ame ou deixe-o” integravam o discurso político da época. Na área econômica o país crescia rapidamente tanto que o período desde 1969 até 1973 foi chamado do milagre econômico. O PIB brasileiro cresceu de quase 12% ao ano, grandes obras públicas foram realizadas como a rodovia Transamazônica e a ponte Rio-Niterói, o setor industrial se expandia gerando novos postos de trabalho e havia um clima de euforia e ufanismo geral na sociedade. Porém o desenvolvimento teve um custo altíssimo e uma dívida externa elevada porque se utilizavam empréstimos do exterior e em pouco anos o milagre brasileiro chegou ao fim causando desigualdades sociais, pobreza e um bloqueio do desenvolvimento do país.

## **Governo Geisel (1974-1979)**

Em 1974 teve início o governo Geisel, ele assumiu o governo prometendo um retorno à democracia por meio de uma abertura política gradual e segura (distensão). Na verdade as Forças Armadas acreditavam que prometer um retorno à democracia fosse uma forma de garantia para uma saída pacífica dos militares ao poder mas isso causou diversos problemas porque os militares radicais de linha dura não aceitavam esta abertura democrática. De fato após a declaração de distensão os militares ainda realizava duras repressões ao que era considerado subversivo e aos membros da esquerda. Em 1975 o jornalista Vladimir Herzog foi assassinado mas os militares afirmaram tinha ocorrido um suicídio e em 1976 ocorreu a morte do operário Manole Fiel Filho da mesma forma que Herzog. Durante o governo Geisel a oposição política ganhou sempre mais espaço e o primeiro sinal de descontentamento popular ocorreu com a vitória expressiva do MDB (Movimento Democrático Brasileiro) nas eleições legislativas de novembro de 1974 onde o partido ocupou mais de 40% das cadeiras do Congresso Nacional. Para evitar que o MDB avançasse nesta direção e para garantir uma maioria do governo militar no Congresso Nacional em abril de 1977 o governo editou o Pacote de Abril que alterava as regras eleitorais em benefício do governo, mantinha as eleições indiretas para governadores, criava a figura do senador biônico e prolongava o mandato presidencial a seis anos. Do ponto de vista econômico os empréstimos estrangeiros estavam diminuindo e o preço do petróleo estava aumentando tanto que a economia brasileira estagnou e se gerou uma crise. O modelo desenvolvimentista proposto pelo ministro Delfim Neto foi substituído pelas propostas do II Plano Nacional de Desenvolvimento instituído pelo novo ministro Mário Henrique Simonsen. O objetivo maior

desse novo plano econômico era realizar a contenção da onda inflacionária e continuar o crescimento econômico nacional mas isso não obteve o sucesso esperado. Em 1979, ao final do seu mandato, Geisel extinguiu o AI-5 e para sucedê-lo escolheu o general João Baptista Figueiredo.

### **Governo Figueiredo (1979-1985)**

O governo Figueiredo foi marcado por um processo de reabertura política e as principais medidas tomadas por realizar isso foram abolir o sistema bipartidário e realizar a anistia política dos militares e perseguidos políticos. Em 1979 o governo aprovou uma reforma que restabeleceu o pluripartidarismo no país, apareciam novos partidos como o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o Partido Democrático Trabalhista (PDT), o Partido Popular enquanto a ARENA que era o partido dos militares transformou-se no Partido Democrático Social (PDS) e o MDB transformou-se no Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDM). Quanto a anistia em 1978 foi decretada a Lei da Anistia que perdoava e concedeva o retorno ao Brasil para os brasileiros condenados por crimes políticos. Este processo de democratização não era aceitado por toda a população e os militares de linha dura continuaram com a repressão clandestina e realizaram alguns atentados, o maior desses aconteceu durante a festa do dia do Trabalhador no Rio centro onde fizeram explodir uma bomba. O governo Figueiredo herdou a crise econômica e Delfim Neto foi mais uma vez convocado para superar os problemas economicos, ele lançou o III Plano Nacional de Desenvolvimento mas também esta vez foi um insucesso porque a recessão da economia mundial barrava a obtenção de novos empréstimos. Em meio à crise econômica diversos

grupos políticos se mobilizaram em favor da aprovação da emenda “Dante de Oliveira” que foi proposta pelo Deputado Federal Dante de Oliveira e tinha por objetivo reinstaurar as eleições diretas para o presidente da República. A pressão popular para que a emenda fosse aprovada transformou-se no movimento da Diretas Já mas apesar da pressão popular a proposta de emenda foi rejeitada em 1984 pela Câmara dos Deputados. Então as eleições para o presidente foram novamente indiretas e em 1985 foi escolhido o candidato democrático Tancredo Neves. Porém Tancredo Neves não chegou assumir o cargo por problemas de saúde que o levaram à morte e o substituiu o vice-presidente José Sarney. A partir de então, iniciou-se um novo período na história política do Brasil conhecido como Nova República, ou Sexta República, caracterizado pelo retorno das liberdades sociais, pela redemocratização do Brasil e pela promulgação de uma nova constituição que valorizava os direitos do cidadão.



## CAP. 3

# A EDUCAÇÃO SEGUNDO PAULO FREIRE

## 3.1 A educação bancária



Paulo Freire enfrentou o assunto da educação bancária pela primeira vez no seu livro *Pedagogia do Oprimido* escrito durante seu exílio no Chile nos anos 1967-1969. Com este termo ele denominava o modelo tradicional de prática pedagógica difundido no Brasil. O que Freire denominou educação bancária, atualizando a expressão e dando-lhe uma conotação moderna, foi levantado pela primeira vez pelo filósofo grego Plutarco (46 d.C.–120 d.C.), ele afirmava que “A mente é um fogo a ser aceso, não um vaso a preencher”, entendendo que a mente precisa de um combustível, uma força real para aprender e conhecer, não é suficiente enchê-la de noções. Segundo Freire na prática bancaria o educador narra ao educando dos

---

<sup>6</sup> <http://gilnei-os.blogspot.it/2010/06/educacao-bancaria-como-instrumento-da.html>

conteúdos, a educação é considerada como uma narração e a tarefa dos educador é “encher os educandos dos conteúdos de sua narração”.<sup>7</sup> O aluno pode ser representado como um vaso vazio onde o professor deve depositar o conhecimento que será memorizado mecanicamente pelo aluno. Então a educação se torna um ato de depositar em que o educando recebe e arquiva passivamente o que é imposto pelo educadores: “eis aí a concepção bancária da educação em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los”.<sup>8</sup> A educação bancária desenvolve a capacidade de arquivar e memorizar mas não realiza nenhum ato cognoscitivo e não desenvolve a consciência crítica dos alunos, a realidade é apresentada para eles como algo exterior, desligada da sua situação existencial, algo que eles não podem transformar. Desta maneira os homens ficam como seres passivos, autômatos, o educador inibe o seu pensar e a sua ação tentando adaptá-lo às suas ideias e assim ele satisfa os interesses dos opressores, se a conscientização do povo sobre o seu lugar no mundo não é promovida as pessoas pobres que vivem em situações difíceis acreditarão que não se pode fazer nada para melhorar as suas condições porque vivem numa realidade imutável.

A dicotomia entre educadores e educando é fixa, rígida, como aquela entre opressores e oprimido: a classe opressora ou dominante é determinada em seu poder de exploração da vida e da força de trabalho da classe dominada e do outro lado os oprimidos são formados pela grande maioria de seres humanos dominados e manipulados pela classe opressora. O educador, o opressor, é o que sabe e reconhece o seu sentido na contraposição com a ignorância dos educandos, na sua superioridade, o educando, o oprimido, por sua vez reconhece a sua razão de existência na sua carência do saber,

---

<sup>7</sup> P. Freire, *Pedagogia do Oprimido*, São Paulo, Paz e Terra, 1994, p. 33

<sup>8</sup> Ivi, p. 33



na sua inferioridade. A educação bancária estimula esta contradição e não permite a sua superação.

Freire escreve que

- a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
- b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
- c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
- d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente
- e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
- f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos os que seguem a prescrição;
- g) o educador é o que atua: os educandos os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador;
- h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele;
- i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;
- j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos.<sup>9</sup>

A relação de verticalidade que se desenvolve é uma situação de onipotência de um lado e de tabula rasa de outro. O educador fala, pensa, sabe, atua, o aluno escuta, ele é reduzido a um objeto, a uma coisa, como se fosse espectador da sua educação, incapaz de compreender o que acontece no

---

<sup>9</sup> Ivi, p. 34

mundo. Não tem diálogo, não acontece uma troca de ideias e de opiniões, é uma comunicação unilateral. O material didático e os conteúdos são escolhidos pelo professor e apresentados como saber imutável, o aluno não se sente livre de falar sobre isso porque nas aulas não tem espaço pela discussão e pelo debate. Ele não se nutre de amor pela vida mas se nutre de amor pela morte, pelas coisas mecânicas e inanimadas porque se identifica com elas, desenvolve a necrófilia e nesta situação não se pode esperar no desenvolvimento da biofilia, o amor à vida.

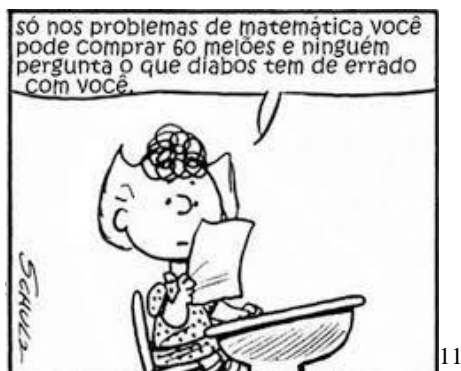
A educação bancária então, mantendo uma relação vertical, antidialógica e necrófila, é uma forma de opressão usada para dominar e obstaculizar o pensamento crítico dos homens:

A educação como prática da dominação, que vem sendo objeto desta crítica, mantendo a ingenuidade dos educandos, o que pretende, em seu marco ideológico, (nem sempre percebido por muitos dos que a realizam) é indoutriná-los no sentido de sua acomodação ao mundo da opressã.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Ivi, p. 38

### 3.2 A educação libertadora



Freire propõe como alternativa à educação bancária um outro tipo de educação definida educação libertadora ou também problematizadora ou transformadora. Nela há uma concepção diferente da relação entre o educador e o educando: o educador dialoga com o aluno, eles conversam e discutem juntos sobre o estado atual de coisas, ambos são sujeitos do processo da construção do conhecimento: “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa”.<sup>12</sup> Não existe mais um relacionamento vertical, uma dicotomia, um educador e um educando com posições fixas, mas dois sujeitos que se educam reciprocamente. “Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.<sup>13</sup> Nesta maneira o conhecimento para de ser propriedade do professor, memorizado mecanicamente, e fica uma matéria compartilhada por ambos, uma matéria

---

<sup>11</sup> [dmesquitapaiva.blogspot.com](http://dmesquitapaiva.blogspot.com)

<sup>12</sup> P. Freire, *Pedagogia do Oprimido*, São Paulo, Paz e Terra, 1994, p. 39

<sup>13</sup> Ivi, p. 39

que os transforma em investigadores críticos, sempre mais curiosos de saber. O educador tenta acender o fogo do saber dentro do aluno de maneira que ele se sente protagonista no seu processo de aprendizagem. Na prática libertadora os educandos desenvolvem as suas capacidades de reflexão e de percepção do mundo, eles ficam sujeitos ativos que têm um olhar crítico sobre a realidade que não é estática mas em contínua transformação. Contrariamente à educação bancária, que pretende manter as consciências das pessoas silentes e adormentadas a educação problematizadora busca o despertar das mentes, a suas emersão.

A primeira assistencializa; a segunda, criticiza. A primeira, na medida em que, servindo à dominação, inibe a criatividade e, ainda que não podendo matar a intencionalidade de consciência como um desprender-se ao mundo, a domestica, nega os homens na sua vocação ontológica e histórica de humanizar-se. A segunda, na medida em que, servindo à libertação, se funda na criatividade e estimula a reflexão e a ação verdadeiras sobre a realidade, responde à sua vocação como seres que não podem autenticar-se fora da busca e ria transformação criadora.<sup>14</sup>

Segundo Freire é preciso que o homem, como ser histórico, tenha o direito de dizer sua palavra e de construir sua história, que significa compreender ele mesmo e o seu papel no processo de transformação da realidade. Para transformar-se e transformar o seu contexto social, é necessário que ele seja educado como homem livre. O ato de educar conduz à liberdade através da compreensão do individuo como ser, desenvolvendo sua consciência crítica e as suas capacidades, humanizando-o no exercício da responsabilidade que tem frente às mudanças sociais. Quanto mais o homem é capaz de refletir

---

<sup>14</sup> Ivi, p. 41

sobre a realidade, maiores possibilidades terá de agir sobre ela, comprometendo-se na sua mudança. Freire afirma que “a práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo”.<sup>15</sup> Sem essa, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido. A educação deveria ser prática da liberdade e este movimento para a liberdade deveria partir dos alunos, os oprimidos, que deverão ter consciência crítica da opressão para transformar esta situação e superar a contradição. Se os oprimidos não estão conscientes e se eles são educados através da educação bancária existirá sempre a dicotomia e o aluno será só um fantoche nas mãos do quem tem o poder.

Freire, preocupado com a formação dos educadores, propõe na obra *Pedagogia da Autonomia* propostas de práticas pedagógicas necessárias à educação como forma de construir a autonomia do educando, valorizando e respeitando sua cultura e seu acervo de conhecimentos junto à sua individualidade. Ele mostra-o quanto a formação do professor é importante para qualquer mudança educacional sobretudo para a melhoria da qualidade de ensino e para preparar o caminho pela total autonomia de quem aprende. “Não há docência sem discência quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”<sup>16</sup>, e o que o professor precisa saber para ensinar?.

O professor precisa saber muitas coisas mas o mais importante não é o que precisa saber mas como ele deve ser para ensiná-las. Cada professor tem que carregar dentro de si vontade e curiosidade, ensinar exige curiosidade e pesquisa: pesquisa-se para conhecer o que ainda não se conhece e para

---

<sup>15</sup> Ivi, p. 52

<sup>16</sup> P. Freire, *Pedagogia da Autonomia*, São Paulo, Paz e Terra, 2002, p. 12

comunicar o novo, o professor que pesquisa traz ao aluno novos conhecimentos e o aluno que pesquisa se interessa pelo mundo.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para conhecer, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.<sup>17</sup>

A curiosidade traz estímulo a fazer pesquisas, consultar livros e computadores, procurar informações para desenvolver o aprendizado. Depois o exercício da curiosidade desenvolve a imaginação, a criatividade, a intuição e a capacidade de aprender porque se está sempre em busca de novas experiências.

O educar deve respeitar os saberes dos educandos, pois todo indivíduo chega à escola já trazendo consigo uma bagagem cultural e ele deve procurar saber das exigências e vivências de seus alunos com o devido respeito estabelecendo uma conexão entre os saberes curriculares fundamentais e a experiência social que ele tem como indivíduo. É necessário também respeitar a identidade de cada um, as suas diferenças e as suas particularidades. Não deve rir de um aluno com sotaque diferente, deveria aproveitar para dar uma aula sobre o estado em que ele nasceu, costumes etc. “Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer

---

<sup>17</sup> Ivi, p. 14

forma de discriminação”<sup>18</sup>, ensinar é um desafio, se deve estar preparado a aceitar o novo, o desconhecido.

Ensinar exige abertura ao diálogo, o diálogo é abrir-se ao outro, às suas diferenças e acolher a sua fala e a escuta. O educador deve ter a disponibilidade para ouvir e ser ouvido, sem preconceito pois que dialogando se podem buscar novos caminhos, formas e rumos.

A atividade educativa precisa também de alegria, esperança e segurança. A esperança faz parte da natureza humana, é um impulso natural e, junto à alegria, permite um movimento constante de busca, de acreditar no potencial dos alunos e de resistir aos obstáculos que se encontram no caminho. A segurança permite que os alunos, percebendo a competência profissional do educador, serão mais propensos ao aprendizagem. “O professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. A incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor”.<sup>19</sup> Quando se esta diante de uma classe deve-se ter compromisso, a maneira como os alunos percebem o professor vai tornar o trabalho mais fácil ou mais difícil, todos os educadores deve ter por certo o peso da responsabilidade que carrega e preocupar-se com o proprio comportamento. A tarefa do professor além de exigir compromisso promove um envolvimento emocional, é preciso querer bem aos educandos, basta que isso não deve desvalorizar a profissão. Na obra *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* Freire critica a forma inocente e comum de tratar a professora de tia, segundo ele “a tentativa de reduzir a professora à condição de tia é uma inocente armadilha ideológica

---

<sup>18</sup> Ivi, p. 17

<sup>19</sup> Ivi, p. 36

em que tentando-se dar a ilusão de adocicar a vida do professora o que se tenta é amaciar a sua capacidade de luta”,<sup>20</sup> resistir a uma realidade social do ensino não é para seres passíveis, amorosos e parentais como a maioria das tias. O termo “tia” carrega uma ideologia de boas moças que não brigam, não resistem, não se rebelam, não fazem greve e fazer essa identificação significa remover algo fundamental à professor: a sua responsabilidade profissional.

Quando é o momento de programar a sua ação pedagógica o professor deve partir da consideração que mudar é possível e que a educação é uma forma de intervenção no mundo. Isto implica ensinar que o papel histórico das pessoas não é aquele de observar o que ocorre no mundo mas intervir como sujeito para mudar a realidade, se os grupos populares percebem a situação de injustiça e violência em que vivem, eles podem muda-la. “Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra, há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós”.<sup>21</sup> Onde há a vida há o inacabamento, nada que é vivo está cristalizado, se o professor tem a consciência do inacabamento ele sabe que as pessoas nunca estarão completos de conhecimento, que não há nenhuma garantia sobre o futuro. Compreender o inacabamento significa saber também que o destino não é algo inexorável, já definido mas que o homem que o construi com as suas mãos então precisam duma educação dinâmica, transformadora.

Enfim ensinar exige liberdade e autoridade, muitas pessoas confundem liberdade com falta de limites mas Paulo Freire deixa claro que é preciso

---

<sup>20</sup> P. Freire, *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*, São Paulo, Olho d' Água, 1997, p.18

<sup>21</sup> P. Freire, *Pedagogia da Autonomia*, São Paulo, Paz e Terra, 2002, p. 30



que o educador haja autoritário dando a liberdade com equilíbrio e limite. O professor precisa estar disposto a ouvir, a dialogar, a fazer das suas aulas momentos de liberdade para falar, debater e ser aberto para compreender as opiniões de todos. A liberdade pois em confronto com os limites estabelecidos pela sociedade influencia e amadurece o ponto de vista do ser que está formando sua personalidade. Isso envolve no aluno ter a autonomia de fazer suas escolhas e o papel dos educadores é de alertá-lo sobre as consequências mas não de influenciá-lo em suas escolhas.

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras de decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade.<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> Ivi, p. 41

### 3.3 O diálogo



O diálogo é um dos pontos principais da teoria freiriana, este é parte da natureza dos seres humanos e essência da educação libertadora. A componente essencial do diálogo é a palavra, para ser palavra verdadeira, ou seja práxis, deve ser composta de ação e reflexão. Sem a dimensão de ação o diálogo se torna verbalismo, blabláblá, se dá mais importância às palavras que às ideias. De outro lado sem a dimensão de reflexão o dialogo se converte em puro ativismo. “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”.<sup>24</sup> As palavras verdadeiras são necessárias para transformar o mundo e estas não são privilégio só de alguns mas um direito de todos os homens. Para dialogar precisa de um encontro entre pessoas que acreditam no poder da palavra, na conscientização dos homens e nas suas forças criadora, se não existe isso não há comunicação. Se dialoga para ser livre e não para depositar

<sup>23</sup> <https://melgrosscartoons.files.wordpress.com/2013/03/11.jpg>

<sup>24</sup> P. Freire, *Pedagogia do Oprimido*, São Paulo, Paz e Terra, 1994, p. 44

conhecimento, impor a própria ideia ou inibir a criatividade e a consciência crítica de cada um.

Porque é encontro de homens que pronunciam o mundo, não deve ser doação de pronunciar de uns a outros. É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista de outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. Conquista do mundo para a libertação dos homens.<sup>25</sup>

De acordo com Freire para que haja um clima dialógico é preciso que haja ainda, além da ação e da reflexão a fé, o amor, a humildade e a esperança nos homens. A fé é um dado a priori do diálogo, existe antes que o diálogo aconteça. O homem dialógico tem fé nos outros homens porque sendo crítico ele sabe que o poder de transformar pode ser prejudicado mas porém está com a segurança que isso tende a renascer. Depois com a fé é possível se instaurar um clima de confiança entre todas as pessoas antes de se encontrarem e isto faz os sujeitos mais companheiros e juntos.

Não há diálogo se não tem amor pelo mundo e pelo homens; na relação de dominação o que parece amor na realidade é sadismo em quem domina e masoquismo nos dominados. Se a relação é fundada na liberdade o amor torna-se compromisso pela causa da libertação e então dialógico: “Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo”.<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> Ivi, p. 45

<sup>26</sup> Ivi, p .45

A humildade é um outra capacidade necessária para criar um clima dialógico, ver a ignorância só no outro e sentir-se superior não é a maneira para aproximar-se às outras pessoas. No encontro com o outro não há ignorantes absolutos nem sábios absolutos, há homens que dialogando buscam saber mais.

Por último é importante destacar que a esperança está na própria imperfeição das pessoas e esta faz com que vivam sempre na eterna busca. Busca de se melhorar, de aprender, de querer ser. Portanto, sendo o diálogo um encontro das pessoas para ser mais é preciso que este seja feito com esperança.

Sobre o que o educador dialogará com os educandos? Se o conteúdo de diálogo equivale ao conteúdo programático da educação, que assuntos enfrentará na aula? O educador bancário não se faz perguntas sobre isso porque para ele o diálogo não existe e é ele mesmo que escolhe o conteúdo das suas aulas sem considerar o ponto de vista dos alunos. O seu objetivo é conquistar o povo, dominá-lo. Ao contrário pelo educador dialógico o objetivo é lutar com o povo, não submetê-lo, por isso o programa não deve ser uma imposição mas um encontro entre o professor e aquele que os educandos querem saber. Segundo Freire a prática educativa deve preocupar-se da situação concreta do indivíduo, deve agir considerando a sua realidade, as suas necessidade e os seus desejos. Por exemplo para aproximar-se à classe operária precisa aproximar-se ao seu mundo e, com o diálogo, fazer-lhes conhecer mais e sob diferentes pontos de vista a situação em que eles ficam.

Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui. ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação.<sup>27</sup>

Por estas razões muitas vezes a linguagem do político e do educador não é entendido pelo povo porque não é sintonizado com a situação dos homens a quem falam. O momento que inaugura o diálogo como prática da liberdade é aquele em que se realiza a investigação dos temas significativo, ou seja, do universo temático dos educandos: trata-se do conjunto de seus temas geradores. Buscar o tema gerador significa investigar o pensar dos seres humanos referido à realidade, seu atuar sobre ela, enfim sua práxis. Para Freire a teoria antidialógica falseia o mundo para melhor dominá-lo através estas características: conquistar, dividir para manter a opressão, manipular, invadir culturalmente. Os opressores utilizam diferentes artificios, como o slogan e os falsos mitos para conquistar o povo e mantê-lo alienado e passivo. Por exemplo o mito que a rebelião do povo é um pecado contra Deus ou o mito da operosidade dos opressores e da desonestidade dos oprimidos; esses e muitos outros levam à persuasão e assimilação de tais ideias. Através da divisão e da manipulação se tenta de enfraquecer o povo expandindo as divisões internas e adaptando as consciências para conformá-lo às seus objetivos. A invasão cultural é “a penetração que fazem os invadores no contexto cultural dos invadidos, impondo sua visão de mundo, enquanto lhes freiam a criatividade, ao

---

<sup>27</sup> Ivi, p. 49

inibirem sua expansão”.<sup>28</sup> Segundo Freire o escopo desta invasão é enfatizar a inferioridade do oprimido e introjetar tal informação.

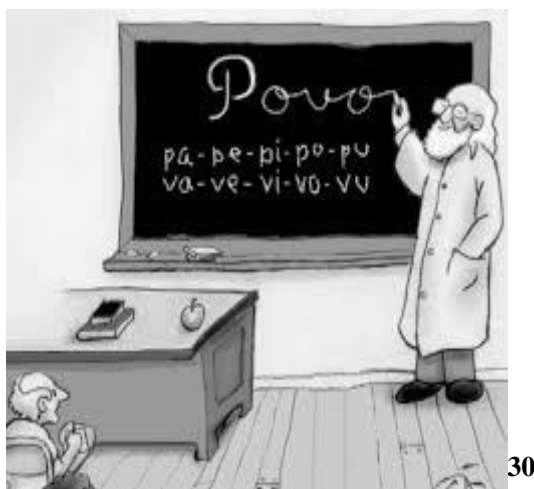
A teoria dialógica exige o desvelamento do mundo através a colaboração, a união para a libertação, a organização e a síntese cultural. Os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em colaboração, para colaborar é necessária que todos se sintam parte do processo de transformação da realidade. A união se dará somente através da práxis libertadora “para a união é imprescindível uma forma de ação cultural através da qual conheçam o por que e como de sua aderência à realidade que lhes dá um conhecimento falso de si mesmo e dela”.<sup>29</sup> A organização, implicando em autoridade, não pode ser autoritária, e, implicando em liberdade, não pode ser silenciosa. Para reconhecer o diferente e superar a dominação contribui também a síntese cultural que se fundamenta na compreensão da dialeticidade permanência-mudança que compõem a estrutura social.

---

<sup>28</sup> Ivi, p. 86

<sup>29</sup> Ivi, p. 100

### 3.4 O Método Paulo Freire



O que hoje conhecemos como Método Paulo Freire para a alfabetização dos adultos surgiu com o trabalho realizado por Freire na década de 60. O método de alfabetização é o resultado de muitos anos de trabalho e reflexões de Freire no campo da educação, sobretudo na de adultos nas regiões proletárias, urbanas e rurais, de Pernambuco. Os primeiros experimentos foram realizados nos bairros populares e nas paróquias de Recife e, em 1963, teve início a experiência de Angicos no Rio Grande do Norte conhecida no mundo como “As 40 horas de Angicos”. Angicos foi escolhida porque era a cidade natal do governador eleito e porque, pelas suas condições adversas, sociais, econômicas, climáticas etc., era propícia para tentar o experimento. O projeto obteve excelentes resultados, 300 trabalhadores aprenderam a ler e a escrever em 45 dias. Porém, por causa

---

<sup>30</sup> <https://www.greenme.com.br/viver/costume-e-sociedade/2083-paulo-freire-mestre-brasileiro-de-amor-solidariedade-e-educacao>

do golpe militar de 1964, a experiência foi interrompida e Freire foi exiliado no Chile.

O Método Paulo Freire vai além da simples alfabetização, o educando deve se conscientizar da realidade a qual está inserido, enquanto segundo Freire “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra”.<sup>31</sup> O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora do homem. Leitura do mundo se refere a tudo aquilo que tem significado para o indivíduo, é aquilo que está intrínseco nas pessoas: nossa linguagem, aquilo que somos, nossas representações e símbolos, nossas opiniões etc. É através da leitura de mundo que vamos apreender a leitura da palavra porque essa só ganha significado se é associada com o mundo: lendo as palavras podemos estabelecer relações com a nossa experiência ou às outras conhecidas. O educador deve estimular as reflexões dos educandos sobre a realidade com situações que sejam significativas para ele, extraídas do seu cotidiano e das suas vivências de modo que os homens podem olhar à sua aprendizagem numa maneira crítica e consciente. As técnicas tradicionais de alfabetização utilizavam a cartilha como ferramenta central da didática para o ensinamento da leitura e da escrita. As cartilhas ensinavam pelo método da repetição de palavras soltas ou de frase criadas de forma forçosa como “Eva viu a uva” ou “o boi baba”,<sup>32</sup> mas “não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse

---

<sup>31</sup> P. Freire, *A importância do ato de ler*, São Paulo, Cortez, 1989, p. 9

<sup>32</sup> P. Freire, *Educação como Prática da Liberdade*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967, p. 119



trabalho”.<sup>33</sup> Segundo Freire para obter a conscientização do aluno precisa de um método ativo e dialógico, da modificação do conteúdo pragmático da educação e do uso de técnicas como a codificação e a decodificação.

O educador estruturou o seu Método em momentos ou etapas que são ligados entre si. Estes são:

- 1) Investigação temática: o professor e o aluno juntos buscam os temas mais significativos da vida do aluno, temas associado ao seu cotidiano e à sociedade onde ele vive.
- 2) Tematização: através da seleção de temas e palavras geradoras (as palavras-chave do vocabulário dos alunos) se realiza a codificação e a decodificação desses temas, buscando o seu significado social.
- 3) Problematização: o professor desafia o aluno a superar a visão ingênua do mundo por uma visão crítica que permite a transformação do contexto.

No livro *Educação como Prática da Liberdade* Freire propõe a aplicação de seu Método nas cinco fases seguintes:

1º fase: levantamento do universo vocabular dos alunos através de entrevistas informais com os moradores do lugar. Assim o educando pode observar os vocábulos mais usados pela comunidade, aqueles mais rico de valor existencial e as expressões típicas do povo. As entrevistas revelam também esperanças e ideias das pessoas, “Quero aprender a ler e escrever disse uma analfabeta do Recife para deixar de ser sombra dos outros”<sup>34</sup> ou

---

<sup>33</sup> Moacir Goadotti e outros, *Paulo Freire Uma biobibliografia*, São Paulo, Cortez, 1996, p. 111

<sup>34</sup> P. Freire, *Educação como Prática da Liberdade*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967, p. 119

“quero aprender a ler e a escrever para mudar o mundo afirmação de um analfabeto paulista”.<sup>35</sup>

2º fase: a partir do universo vocabular pesquisado se escolham algumas palavras. Esta escolha deverá ser feita segundo os critérios da riqueza fonética, das dificuldades fonéticas, numa sequência gradativa dessas dificuldades, e do conteúdo pragmático da palavra ou seja o comprometimento da palavra na realidade.

3º fase: se criam situações existenciais típicas dos alunos com que se trabalhará. Estas situações, com a colaboração do professor, devem provocar os grupos para fazê-lo refletir criticamente sobre a situação.

4º fase: elaboração de fichas-roteiro para ajudar os professores no seu trabalho. As fichas são só um subsídios, não devem tornar-se regras rígidas às quais obedecer.

5º fase: elaboração de fichas-roteiro com a decomposição das famílias fonêmicas das palavras geradoras escolhidas. Esse material poderá ser apresentado na forma de slide ou cartazes.

Por exemplo, figuremos a palavra geradora “favela”. Essa palavra é colocada numa situação existencial que é discutida pelos alunos em seus aspectos possíveis: as condições de vida nas favelas, os problemas de higiene e de saúde etc. A palavra é apresentada em cartazes com imagens para estabelecer um vínculo semântico entre ela e o objeto e depois sem o objeto que a caracteriza. “Favela” passa a ser estudada através da divisão silábica que os educados identificam como “pedaços”: fa-ve-la e depois do reconhecimento das sílabas cada uma se desbobra em sua família silábica com a mudança da vogal. Neste caso será: fa-fe-fi-fo-fu, va-ve-vi-vo-vu, la-le-li-lo-lu. A ficha que apresenta as diferente famílias foi chamada “ficha

---

<sup>35</sup> Ivi, p. 119

da descoberta” pelo Aurenice Cardoso porque “através dela o homem descobre o mecanismo de formação vocabular numa língua silábica, como a portuguesa, que se faz por meio de combinações fonêmicas”.<sup>36</sup> Então com as combinações silábica a disposição os educandos começam a criar oralmente novas palavras, por exemplo “vela”, “leva”, “favo” etc. Após eles começam a escrever-lhes, não só palavras simples mas também complexas:

Como se explicar que um homem analfabeto, até poucos dias, escreva palavras com fonemas complexos antes mesmo de estudá-los? É que, tendo dominado o mecanismo das combinações fonêmicas, tentou e conseguiu expressar-se graficamente, como fala. Na alfabetização de adultos, para que não seja puramente mecânica e memorizada, o que se há de fazer é proporcionar-lhes que se conscientizem para que se alfabetizem.<sup>37</sup>

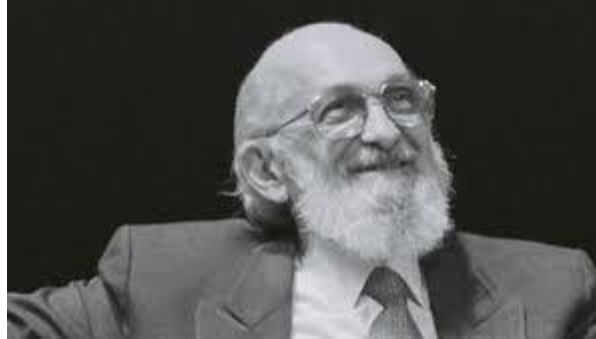
A proposta de educação de Freire foi completamente inovadora e diferente porque favorecia uma relação horizontal entre educador e educando baseada no diálogo e uma aprendizagem libertadora que favorece a leitura da palavra junta à leitura do mundo. Ele foi também um dos pioneiros no uso da linguagem multimídia porque trabalhou com slides, gravuras e materiais audiovisuais. O Método Freire desde a sua origem até os dias atuais constitui uma fonte de estudo, pesquisa e aplicação no Brasil e no mundo e por mérito das suas experiências possibilitou o crescimento e o interesse pela educação e pela pedagogia.

---

<sup>36</sup> Ivi, p. 122

<sup>37</sup> Ivi, p. 126

### 3.5 Entrevista com Paulo Freire



Freire concedeu esta entrevista em 1983 à jornalista Maria Luz de Rádio Juazeiro. Nesta entrevista são enfrentados alguns dos assuntos tratados precedentemente como o Método de alfabetização, a educação libertadora e bancária, o autoritarismo e a experiência do exílio. Acho que as palavras de Freire sejam uma maneira para resumir o seu pensamento e entender melhor o personagem que era. De fato é uma entrevista cheia de esperança, fé nos homens, vontade de mudar o ordem das coisas, características que o acompanharam por toda a sua vida.

Jornalista – Paulo, que é “Método Paulo Freire” de Educação?

Paulo –Talvez eu devesse dizer a você que, na verdade, apesar da insistência com que muita gente, há muito tempo, vem falando, no Brasil, de “Método Paulo Freire”, não me agrada muito isso. Mas é uma verdade. Isso é um fato e eu tenho que discutir os fatos. Apesar da insistência com que se fala, às vezes, do chamado “Método Paulo Freire”, eu tenho a impressão, Marta, com talvez um pouco de modéstia agora, que se trata muito mais de certa compreensão geral da educação, de uma maneira de praticar a educação, do que propriamente um método. Evidentemente que, nessa compreensão geral da educação, que tem que ver com uma prática coincidente com essa

compreensão geral, há um método. Quer dizer, no fundo, o método cabe aí dentro, está aí dentro. Por isso que eu disse que talvez eu fique agora pouco humilde, dizendo que a questão vai mais além do método para alcançar uma própria compreensão da educação. Quer dizer, que diabo é isto de educação para mim? Como é que eu vejo a educação enquanto educador que também é educando, enquanto um professor que também é um aluno? Então, com a tua licença, refazendo a pergunta – apesar de considerar tua pergunta... É por aí que se começa uma conversa, de modo geral, comigo – eu diria agora: claro que há um sem número de aspectos, um sem número de temperos, nessa compreensão da educação que eu venho defendendo e propondo e praticando. Mas eu ficaria com, talvez, o que eu acho que dá. Eu acho que é interessante dizer aos que me ouvem agora. Esse elemento que eu gostaria de sublinhar, de chamar a atenção na compreensão e na prática de educação que eu defendo é o da liberdade do educando. Sabe? É o da liberdade do educador. Quer dizer, é o do respeito, portanto, que o educador deve se impor a si mesmo, o respeito ao educando para que ele também se possa respeitar. É o respeito ao educando no sentido de que o educando se vá construindo como gente, em lugar de se reprimir e ir virando coisa. A educação deveria ser exatamente isto: uma prática, uma experiência de criação e recriação da própria vida. A educação tem muito que ver com a poesia. Por isso mesmo que ela é um pouco arte também, não? É essa constante busca de criar. Agora você vê a responsabilidade que a gente tem enquanto educador. É que a gente está diante de outro ser e a nossa arte de criar e recriar tem que ver com outro ser. Só que eu não tenho direito de recriar a ti, se tu és minha educanda. Esse é o papel que te cabe: o papel de te refazer com a minha ajuda. Mas, ao mesmo tempo em que eu te ajudo, como educador, e tu, como educanda, a que tu te faças e refaças – ao ajudar a que tu te refaças – tu me ajuda a que me refaça também, me refaça eu também. Então, é esse aspecto que eu acho fundamental de como eu entendo a educação. E, às vezes, eu me espanto de como me entendem mal, como me colocam, às vezes, como uma espécie de demônio misterioso! É que eu gostaria de, respondendo a tua primeira pergunta – talvez até que eu

tenha me estendido muito - mas era uma maneira de precisar até sinteticamente, dizer a ti como eu me vejo como educador, mais do que como metodólogo.

Jornalista - De modo geral, a educação, segundo as suas palavras, deprime. O que é que é educação que deprime? Traduza assim concretamente.

Paulo – Concretamente. É claro que não é toda educação a que deprime; não é toda educação a que redime. É preciso ver que educação é. Eu até sempre digo que é preciso que nós, os educadores, sempre nos perguntemos a serviço de quem nós estamos e a serviço de quê nós estamos. Eu, como educador, estou trabalhando a serviço de quê? O que é que eu quero? Qual é o meu sonho? Evidentemente que o meu sonho, que é um sonho de liberdade, que é um sonho de criatividade, um sonho de aventura, um sonho de risco, não pode ser viabilizado, possibilitado, através de uma educação que reprime, uma educação que amesquinha. E que educação é essa? É exatamente a educação que domestica, por exemplo. É a educação através da qual o educador exerce um poder arbitrário de possuir a pessoa do educando, nos seus mais mínimos pormenores. O educando não tem que escolher o livro que deve ler, porque o educador é que sabe. O educando... Em casa, por exemplo, o filho não tem o direito de escolher a melhor hora de estudar (como eu dizia ontem à noite). Veja bem, Marta. Eu não estou propondo que o educador se omita, seja ele pai ou seja ela mãe, desapareça. Entendes? Mas o que não é possível é que a presença do educador, no processo educativo, se agigante de tal maneira, se exacerbe de tal maneira, que a presença do educando, ou melhor, que o educando vire sombra do educador. Então, isso é um absurdo! Se a minha presença, na minha casa, por exemplo, como na universidade diante dos meus alunos, é uma presença de gigante arbitrário, todo-poderoso, mandão, como a gente tem no mundo tantos exemplos, o que seria da presença dos meus filhos em casa? E o que seria da presença dos estudantes que trabalham comigo na universidade? Essas presenças teriam desaparecido e, em lugar delas, eu teria sombras

pequeninhas de mim. Ora, essa seria uma educação deprimente, uma educação diminuidora da pessoa humana. Pelo contrário, o educador que trabalha em favor da pessoa é exatamente o educador que fica porque some. Entende? Eu talvez precise explicar melhor ao ouvinte, em casa, porque é uma coisa meio doida de dizer. Como é que esse cara pode ficar se ele sumiu? O que eu quero dizer com “sumiu” não é sumir fisicamente, ir embora, fechar a porta, desaparecer. Eu, como pai, nunca desertei de minha casa. Mas acontece que só pude permanecer na minha casa porque eu fui capaz de aprender a transformar minha presença, não em uma presença diminuidora da presença dos meus filhos. E é a isso que estou chamando de sumir para poder ficar. Pelo contrário, o pai que insiste em ficar é exatamente o pai que termina desaparecendo. Ele insiste tanto em ficar, ele sublinha, ele exacerba tanto a sua presença que ela termina sendo rejeitada afetiva e moralmente pelo filho ou pelo educando..

Jornalista – Mas, Paulo, durante esta semana, no seu encontro com a comunidade juazeirense, você enfocou, de maneira muito forte, o tema “autoritarismo” e o fez, diga-se de passagem, de maneira luminosa. Por que esse tema? Qual a razão de sua escolha? O que é que é isso?

Paulo – Exato! Eu acho que essa também está uma pergunta excelente. Sabe? Por que esse tema? Por que, em lugar disso, eu não falei, por exemplo, a minha própria experiência geral da educação? Por que é que não falei, por exemplo, sobre métodos e processos de educação? Por que realmente eu falei sobre isso, sobre educação e autoritarismo, educação e liberdade? E foi de propósito, Marta, porque não há coisa gratuita. Assim a educação, como eu dizia ontem, também não é uma prática neutra de “deixar como está para ver como é que fica”. Eu falei sobre o autoritarismo porque, como brasileiro, a mim me dói profundamente que a gente pouco faça, às vezes, para dar um mínimo de contribuição ao processo histórico brasileiro que independe da minha vida e da tua, enquanto indivíduos, porque a vida do país e a alma dele são maiores do que a nossa vida e a

nossa alma. Porque a nossa vida e a nossa alma se constituem, inclusive, na vida do país inteiro, da nossa comunidade brasileira. E eu acho que, às vezes, a gente faz pouco, contribui pouco, para o processo de real participação democrática do povo brasileiro na sua história. É preciso que a gente viva mesmo a democracia. Que a gente acredite nela. Mas, no Brasil – uma coisa incrível! – a gente vê... Eu não sei... Eu não quero nem fazer citações aqui pessoais, por exemplo. Não é por medo. É por uma questão até de método de trabalho, por exemplo. Mas, você repare, Marta, como essa falta de sensibilidade democrática, que é, portanto, autoritária, ocorre entre nós diariamente. Você veja como certos homens públicos, por exemplo, de uma responsabilidade nacional, histórica, indiscutível, você observe que, às vezes, o discurso deles revela uma tal insensibilidade pela liberdade do povo, pelo direito que o povo tem de manifestar-se e de escolher que revela, então, esse discurso uma certa má querença com a liberdade, uma certa indisposição. É como se a liberdade fosse um inseto daninho, que faz mal ao cara, mas o cara fala em nome dela. Entende? Isso é que é um negócio tremendo. Então você vê: eu tenho ouvido tanto e tenho lido tanto declarações de antes e durante, antes do meu exílio e durante o meu exílio. Depois da minha volta, eu tenho ouvido tantos homens de responsabilidades enormes, neste país, fazerem beicinho com raiva de um resultado de eleição. E declarar que, na verdade, o povo não pode eleger seus prefeitos, por exemplo, porque vota mal, porque vota errado. Mas que autoridade eu tenho para dizer que o povo está votando errado? Quando o povo do Rio de Janeiro elegeu o líder Juruna, houve gente de muita responsabilidade, no Brasil, que disse também que o povo votou mal. “Não soube votar. É um desperdício isso.” Mas que direito eu tenho de dizer que votar no Juruna é um desperdício? No Timóteo é um desperdício? Essa afirmação me parece profundamente elitista, em primeiro lugar. É uma afirmação de gente da elite realmente. E a elite tem uma raiva danada da massa popular. Tem um ódio! E uma coisa que me dá susto é a raiva que a elite tem da massa popular brasileira. Do outro lado, porque é elitista, essa Inteligência do fato é profundamente autoritária. Então, ontem, a minha preocupação, quando eu



coloquei, quando eu perguntei sobre o que eu falo em Juazeiro, eu achei que devia falar sobre o autoritarismo. E sem fazer referências pessoais a ninguém. Como você viu ontem, eu não fiz. A não ser eu me referir, genericamente, em tese, ao professor, ao pai, ao político, ao bispo, ao sacerdote. Mas não a este professor, a este pai, a este sacerdote, a este bispo, do político, em geral, etc. Como brasileiro, não é só um direito que eu tenho, mas é um dever que eu tenho. Agora, evidentemente por isso mesmo, que eu não sou autoritário. E eu acho, Marta, que um dos temas, no Brasil, tão importante quanto outros temas, é esse do autoritarismo. Eu acho que tanto quanto a gente possa dizer algo sempre sobre isso, sem raivas, sem ódios, nada disso. Meu problema não é estar aqui zangado com a ou b, é de estar exatamente tentando uma análise objetiva de um fenômeno de que nós todos fazemos parte. Como brasileiro, eu também tive os meus momentos autoritários na minha adolescência, na minha juventude. Eu precisei aprender disso tudo. Eu tive, no fundo, uma opção que confirmei numa prática. E é por isso que, como professor, ainda que eu seja, que eu fosse desafiado pelos estudantes para virar autoritário, eu não aceitaria o desafio.

Jornalista – Paulo Freire, exílio! Uma palavra bela, pelo menos do ponto de vista poético. Parece-me que a sua vivência é muito grandiosa. Pelo menos, na literatura, a gente percebe que é grande a riqueza daqueles que a tiveram, em termos de obras, de poemas, de pinturas, de música, não é?. Qual a riqueza maior que você traz do exílio.

Paulo – Olhe, eu não seria capaz, talvez, Marta, de dizer qual a riqueza maior, mas eu seria capaz de falar algumas dessas riquezas. E te falar, quem sabe, uma dessas riquezas que o exílio me proporcionou. Sem que eu seja masoquista, sem que eu goste de sofrer, foi exatamente a riqueza de aprender a conviver com a minha saudade e não deixar que a saudade virasse nostalgia. Porque, quando a saudade vira nostalgia, tu te infernas. Então, o que aconteceu comigo é que eu cuidei da minha saudade. Eu tratei bem dela. E como eu tratei bem da minha saudade? Eu tratei bem da minha

saudade tratando bem das minhas marcas, das marcas da minha cultura que meu povo me deu. Tratei bem da minha saudade porque eu aprendi a ter, fora e longe do Brasil, diariamente, o Brasil como uma preocupação. E um cuidado enorme! A convivência com a saudade virou uma saudade mansa, bem comportada, educada, uma saudade que não choramingava, uma saudade que dormia direito. Então, essa coisa é uma das riquezas que o exílio me ensinou. A outra, que o exílio também me ensinou, e dela eu falei um pouco ontem, noutra perspectiva, foi realmente a de cultivar uma paciência impaciente. Eu tinha profunda paciência por estar longe do Brasil, mas, ao mesmo tempo em que minha paciência me envolvia e me amaciava a saudade, uma impaciência por voltar alimentava também a saudade. Não sei se está claro isso. De um lado, a paciência me ajudava a ter uma saudade mansa do Brasil. Do outro, a impaciência da volta me ajudava a saudade a continuar a existir e, portanto, a que eu não me esquecesse de mim mesmo, isto é, do Brasil. Esse foi um segundo imenso ensinamento de riqueza que a gente cultivou no exílio. Mas outra riqueza que o exílio também nos deu a nós, a mim e a minha mulher, a meus filhos, foi, por exemplo, a de que cultura, a cultura não se trata com juízos de valor. Em outras palavras, nós aprendemos, no exílio, que não há nenhuma forma de ser de povo nenhum que seja superior ou inferior a outra. Nós, os brasileiros, somos tão formidáveis e tão deficientes quanto os suíços são eficientes, competentes e maus também. Quer dizer, não há uma forma de cultura que seja melhor que a outra. E toda vez que uma cultura de um grupo social, de um país, se pretenda superior a outra, ela tende a uma postura autoritária e totalitária. Isso nós aprendemos também. Aprendemos, no Chile, a viver diferentemente do Brasil e não superior ou inferiormente. Aprendemos, nos Estados Unidos, quando eu fui professor de universidades norte-americanas e morei lá com meus filhos. Aprendemos a compreender as formas de ser dos Estados Unidos com relação a nós. Não são nem melhores nem piores que nós. Aprendemos, na Europa, vivendo na Suíça, em Genebra, uma cidade linda que parece um cartão postal. Aprendemos a compreender o suíço na sua frieza, na sua distância, mas isso não significando, de jeito

nenhum, que pelo fato de ser frio, afetivamente distante, que não é gente. Aprendemos na África, aprendemos na Ásia, o mundo afinal. A andarilhagem a que o exílio me levou me ensinou profundamente a ser de novo. No fundo, eu nunca deixei de ser. E a própria saudade do Brasil, que eu aprendi a amaciar, jamais me fez triste. Eu e minha família jamais fomos infelizes no exílio, até quando nós não admitíamos a hipótese de poder voltar – porque, durante muito tempo do exílio, nós nunca mantivemos, ou nunca tivemos a ilusão da volta. Nós pensávamos que os filhos voltariam, mas nós não. Então, quando deu para voltar, foi uma maravilha. Você não imagina, Marta, no dia que deu para voltar, eu não pude ficar mais de jeito nenhum na Europa! Então, eu tinha... Eu tinha...

Jornalista – A paciência ficou impaciente demais.

Paulo – Ficou demais. Você disse muito bem. Nesse momento, a impaciência ganhou realmente da paciência, não? E eu peguei o avião e vim embora com a Elza. É Claro, ficou um filho, ficou uma filha, uma filha que se casou. Ficou um filho que, se estivesse aqui, poderia até dar um presente a ti, ao povo que nos escuta, porque ele é um grande violonista clássico. É professor hoje, na Suíça, com 26 anos. Rapaz excelente. Ele teve que ficar lá. Ele não tem ainda condição de voltar para o Brasil como professor de violão clássico, como concertista. Mas ele vem todo ano ao Brasil. Ele diz: “Papai, eu não aguento!” Então, a brasilidade, em nós, jamais se acabou. No fundo, Marta, a minha recifidade explica a minha pernambucanidade, assim como minha percambucanidade explica a minha brasilidade. A minha brasilidade explica a minha latino-americanidade; a minha latino-americanidade me faz então um homem do mundo. E isso o exílio me ensinou. E tu não imaginas como o exílio me trouxe de novo ao Recife, às raízes do Recife. Capibaribe, Capibaribe... Aquela coisa linda do Bandeira que tu vinhas recitando tão excelentemente, gostosamente no carro.

Jornalista – Paulo Freire, entre os seus livros, extraordinários, há um que chama a atenção: *Pedagogia do Oprimido*. Por que essa ênfase assim tão forte no oprimido, no que diz respeito à pedagogia?

Paulo – Exatamente, Marta, pelo seguinte: porque nesse livro que eu escrevi, em 1968... – é bom, na resposta a ti, agora, contar um pouquinho da história desse livro. Eu escrevi esse livro a partir de minha prática, a partir da minha experiência, no Brasil, já no exílio, no Chile, em 1968. Eu escrevi esse livro em 15 dias. Os três primeiros capítulos do livro, eu escrevi em 15 dias, de noite, e eu trabalhava até às três horas da manhã. E, depois que eu ia dormir, a Elza levantava e lia. Lia o que eu tinha escrito e, às vezes, ela me acordava e dizia rindo: “Paulo, depois desse livro, o novo exílio talvez seja na Lua.” Então eu me ria muito com as advertências dela. Por isso que eu, na dedicatória, eu digo que ela é minha primeira ouvinte – Primeira ouvinte? Estou falando na rádio – é a minha primeira leitora. Eu escrevi esse livro, Marta, e uma das intenções ao escrever esse livro era exatamente mostrar que os oprimidos precisam de uma pedagogia sua, que eu, inclusive, não estou propondo que seja esta que eu escrevi. Escrevi sobre isso. E eu dizia, então, que essa pedagogia, no fundo, tem que ser forjada por ele, oprimido, e não pelo opressor. Olhe, independentemente, Marta, da boa vontade individual do opressor. Independe disso. O opressor não pode fazer a pedagogia do oprimido, como o oprimido não pode fazer a pedagogia do opressor. Pedagogia do opressor quem faz é o opressor mesmo. Como a pedagogia do oprimido tem que ser feita por ele. E tem que ser feita, elaborada, reelaborada na prática da sua libertação. E você me diria: “Mas, Paulo, e qual é o papel teu?” O papel meu, o papel de outro que não sendo opressor, também não é oprimido. Eu aí diria: no ato de forjar essa pedagogia, essa pedagogia é forjada pelo oprimido e por aqueles e aquelas que, na verdade, aderem a ele. Então, por isso é que eu falo, também, na própria “*Pedagogia do Oprimido*”, nesse livro, usando uma linguagem que é uma linguagem que reflete também a minha marca cristã. No fundo, para que você, não sendo participante originariamente da classe ou do grupo social oprimido, para que você participe dele, adira a ele, em certo sentido,

you have to make the real Easter. What I mean is, you have to make the passage, you have to make the crossing. And this crossing implies, in a certain sense, that you have to die a little, to be reborn differently. This thing, in truth, is “baitamente” difficult. And I don't come here, like the Pharisees, to pat myself on the chest and say: “I am the pedagogue of the oppressed!” In no way. Modestly I say: I am one, among other educators, who suffer with the situation of the oppressed. And I try to do a minimum of respect for a task. Ok?

Jornalista – Leave a message for the educators of Juazeiro and Petrolina.

Paulo – Very good. Then, it happens that ten or thirteen years after this book was reproduced in seventeen languages. Then, at least, 800,000, a million, a million and five hundred thousand people are reading it. And, when I am a pilgrim in these parts of the world, I have been interviewed, now for the newspaper, now for the radio and now for television. Constantly, without talking in the interviews at the universities that keep, in their archives, three hours of talk with me, for the archive, for study, everything. But one thing I want to tell you is that, in this talk with you, it was one of the most enjoyable that I had; that it left me, that it left me at peace. It was like a kind of rest for me. And, then, I started to thank, sincerely, the fact that you brought me and, through the radio, I was talking to a whole lot of people that I don't know and that, possibly, I will never see, but that I heard, I now finish by personally thanking the very talk that you offered me. And, in making this thank you, then, included in this thank you, I would say to my colleagues and to my female colleagues teachers and professors, in this area that the station covers, primary school teachers, teachers, teachers who did not go through normal school – it doesn't matter! – my colleagues and my colleagues educators; I would give them all a big hug. But a hug that is not formal, a hug of hope. Of hope in that, despite everything, and when nothing seems

favorável sequer a ter esperança, que a gente e, portanto, que eles também  
continuem a ter. Então, um abraço para ti também e boa noite!<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup><http://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/8>

## CONCLUSÃO

O papel da escola na atual sociedade é fundamental, a educação deve definir as suas prioridades frente às diferentes exigências do contexto em que se coloca e saber adaptar-se as mudanças culturais e sociais. Para ter uma escola de qualidade não basta equipamentos tecnológicos, mobiliários, espaços amplos, mas é necessário que os educadores sejam preparados para criar uma aprendizagem válida. Freire dizia que: “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”, isso não seria possível se a escola não tivesse clareza no seu currículo, na sua proposta pedagógica e no processo de ensino baseado na capacidade de refletir e agir sobre a realidade. Nas escolas de hoje muitas vezes o aluno é parte passiva no processo de aprendizagem, o professor segue o seu programa sem olhar às características da sua classe, as salas de aulas são espaços silenciosos onde se sente só a voz do professor, a capacidade de refletir não é estimulada e os alunos memorizam os conteúdos sem refletir criticamente sobre estes. Freire mostra nós algo diverso, um modelo onde o educando é um sujeito participante, o educador é capaz de adaptar a sua ação educativa às diferentes necessidades, a sala de aula é um espaço de diálogo e de confronto e a proposta educativa estimula à praxis e promove a consciência do aluno. Pelo seu pensamento Paulo Freire é idolatrado por muita gente, outras o detestam, de fato a influência do marxismo nas suas obras fez que algumas pessoas ficassem dúvidas a respeito da sua obra e o acusassem de ser só um apoiante do comunismo; alguém também o culpa de ser entre os responsáveis da baixa qualidade da educação atual no Brasil. Apesar de diferentes concepções sobre as suas ideias a força da obra de Paulo Freire,

que é mais atual do que nunca, não está só na sua teoria do conhecimento mas em ter insistido que é possível e necessário mudar a ordem das coisas e combater para melhorá-las. Concluo com as palavras de Freire: “Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso, eu amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo, que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade.”



## **BIBLIOGRAFIA**

AA.VV., *Paulo Freire Uma biobibliografia*, São Paulo, Cortez, 1996.

AA.VV., *Paulo Freire. Ética, utopia e educação*, Petrópolis, Vozes, 1999.

AA.VV., *Paulo Freire: pratica di un' utopia*, Piacenza, Berti-Terre di Mezzo, 2003.

AA.VV., *Dicionário Paulo Freire*, Belo Horizonte, Autêntica, 2008.

Adrianopoli Cardullo M.C., *Paulo Freire: un percorso di apprendimento e di conscientizzazione*, Genova, Le mani, 2004.

Amora Antônio Soares, *História da Literatura Brasileira*, São Paulo, Saraiva, 1974.

Barreto V., *Paulo Freire para educadores*, São Paulo, Arte & Ciência, 1998.

Brandão R., *O que é o Método Paulo Freire*, São Paulo, Brasiliense, 1981.

Bosi A., *História concisa da literatura brasileira*, São Paulo, Cultrix, 1981.

De Souza J.F., *Atualidade de Paulo Freire. Contribuição ao debate sobre a educação na diversidade cultural*, Recife, Bagaço, 2001.

Freire P., *Educação como Prática da Liberdade*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.

Freire P., *Conscientização*, São Paulo, Cortez & Moraes, 1979.

Freire P., *Educação e mudança*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

Freire P., Frei B., *Una scuola chiamata vita*, Bologna, EMI, 1986.

Freire P., Schor I., *Medo e ousadia. O cotidiano do professor*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

Freire P., *A importância do ato de ler*, São Paulo, Cortez, 1989.

Freire P., Macedo D., *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

Freire P., *Pedagogia da esperança*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

Freire P., *Pedagogia do Oprimido*, São Paulo, Paz e Terra, 1994.

Freire P., *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*, São Paulo, Olho d' Água, 1997.

Freire P., *Pedagogia da Autonomia*, São Paulo, Paz e Terra, 2002.

Gadotti M., *Leggendo Paulo Freire: sua vita e opera*, Torino, SEI, 1995.

Germano J., *Estado militar e educação no Brasil (1964-1985)*, São Paulo, Cortez, 1994.

Ghirardelli P., *Filosofia e história da educação brasileira*, Barueri, Manole, 2003.

Lucas Fábio, *Do barroco ao moderno: vozes da literatura brasileira*, São Paulo, Ática, 1989.

Napolitano M., *1964 História do regime militar brasileiro*, São Paulo, Contexto, 2014.

Pezza G., *Paulo Freire e la comunicazione partecipativa-transazionale*, Roma, Aracne editrice, 2009.

Stegagno Picchio L., *Storia della letteratura brasiliana*, Bologna, Einaudi, 1997.

Rossi L., *Paulo Freire: profeta di liberazione*, Torre dei Nolfi, Qualevita, 1998.

Skidmore T., *Brasil: de Getúlio a Castelo*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969.

Teleri F., *Il metodo Paulo Freire: nuove tecnologie e sviluppo sostenibile*,  
Bologna, Clueb Bologna, 2000

## **SITOGRAFIA**

<http://www.suapesquisa.com/paulofreire/>

<https://www.paulofreire.org/paulo-freire-patrono-da-educacao-brasileira>

<http://www.sohistoria.com.br/ef2/ditadura/>

<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/governo-medici-1969-1974-milagre-economico-e-a-tortura-oficial.htm>

[http://www.passeiweb.com/estudos/livros/pedagogia\\_da\\_autonomia](http://www.passeiweb.com/estudos/livros/pedagogia_da_autonomia)

<http://novaescola.org.br/conteudo/460/mentor-educacao-consciencia>

<http://institutoiunes.com.br/index.php/artigos/34-paulo-freire-pensamentos>

[http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/pensamento/01\\_pensamento\\_o%20metodo\\_paulo\\_freire.html](http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/pensamento/01_pensamento_o%20metodo_paulo_freire.html)

<http://pedagogiaformacaoetica.blogspot.it/>

<http://www.infoescola.com/pedagogia/metodo-de-educacao-libertadora/>

<http://www.priberam.pt/dlpo/>

<http://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/848/0>

<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABriIAF/analise-obra-pedagogia-autonomia-paulo-freire>

<http://www.uel.br/eventos/semanaeducacao/pages/arquivos/ANAIS/ARTIGO/PERSPECTIVAS%20FILOSOFICAS/A%20PEDAGOGIA%20CRITICA%20NO%20BRASIL%20A%20PERSPECTIVA%20DE%20PAULO%20FREIRE.pdf>

## RIASSUNTO

Paulo Freire è stato uno dei pedagogisti ed educatori brasiliani più famosi del XX secolo. Nato a Recife, la capitale di Pernambuco, nel 1921, visse gli anni dell'infanzia nella piccola città di Jaboatão. Tornato a Recife si laureò in Diritto, tuttavia scoprì ben presto di non essere interessato alla carriera di avvocato ma al settore dell'educazione. Dopo alcuni incarichi come professore di portoghese e direttore di diversi servizi culturali a sostegno delle classi più svantaggiate, nel 1963 sperimentò nella città di Angicos il metodo di alfabetizzazione da lui ideato, il Metodo Freire. L'esperimento riscosse notevole successo, però il governo dittatoriale che era salito al potere dopo il colpo di stato dei militari considerava il pedagogista come un sovversivo e lo condannò all'esilio, prima in Bolivia e poi in Cile. Fu durante gli anni dell'esilio che scrisse le sue opere più importanti come *La pedagogia degli oppressi* e *L'educazione come pratica della libertà*. Freire si trasferì poi in Svizzera dove si dedicò a progetti educativi in tutto il mondo, specialmente nei paesi africani più poveri tra cui le ex colonie portoghesi di São Tomé, Príncipe, Angola e Guinea Bissau. Dopo 16 anni di esilio ritornò finalmente in patria e si dedicò all'insegnamento nell'università di San Paolo. Nel 1997 morì di un attacco cardiaco e nel 2012 venne dichiarato patrono dell'educazione brasiliana.

Freire criticava l'educazione tradizionale, da lui denominata bancaria, basata sull'apprendimento mnemonico e su un rapporto verticale tra professore-alunno, dove l'alunno era per lo più recettore passivo delle informazioni fornite dal professore. L'educazione bancaria non faceva altro che irrigidire i ruoli di educatore e educando e, come accade nella relazione tra oppressi e oppressore, non poteva portare a nessun

cambiamento della realtà perché era sempre il professore (oppressore) che stabiliva come dovevano andare le cose. Freire propose allora un'alternativa all'educazione bancaria, l'educazione liberatrice, questa prevedeva un rapporto attivo e dialogico tra alunno e professore, uno scambio continuo di opinioni e idee in modo tale che l'educando diventasse soggetto attivo nel processo di apprendimento. Inoltre in questa maniera l'individuo poteva sviluppare il suo pensiero critico sulla realtà e di conseguenza agire su di essa per trasformarla. Perché si verificasse un'educazione di tipo liberatrice era fondamentale il ruolo dell'educatore, lui doveva essere curioso e stimolare la curiosità, doveva rispettare le caratteristiche e il contesto sociale dei suoi studenti lasciandoli liberi di essere autonomi nelle loro scelte, doveva essere aperto al dialogo e consapevole della responsabilità del suo insegnamento, ma soprattutto doveva credere che cambiare è possibile e che l'educazione era un mezzo per permettere il cambiamento. Il pedagogista brasiliano propose anche un metodo di alfabetizzazione per adulti, conosciuto come Metodo Paulo Freire. Come già anticipato utilizzò questo metodo nella città di Angicos e in 45 giorni 300 operai impararono a leggere e a scrivere. Il suo metodo prevedeva prima di tutto la presa di coscienza della realtà, ossia si cercavano le parole più usate dagli individui e poi si analizzava il loro significato sociale e culturale. Dopo le prime fasi di consapevolezza il passo successivo era riportare le parole in schede, prima composte e poi scomposte in sillabe. Con le diverse sillabe l'educando avrebbe poi spontaneamente creato parole nuove. L'innovazione di questo metodo sta soprattutto nella fase di presa di coscienza dell'individuo, infatti secondo Freire la lettura del mondo deve andare di pari passo con la lettura delle parole. Le teorie di Freire hanno avuto ampia diffusione e sono state motivo di studio ma anche di critica, in particolare in Brasile, il



pedagogista è stato criticato da molti perché vista l' influenza nella sua opera delle teorie marxiste lo accusarono di aver voluto diffondere il comunismo e gli ideali di sinistra. Aldilà delle differenti opinioni sulle teorie freiriane, la forza del suo pensiero, sta nello spingere l' individuo a volere mutare le cose e ribellarsi per migliorare la sua condizione, l'educazione infatti non basta a trasformare il mondo, però può cambiare le persone che a loro volta cambiano il mondo.

